

Divergência seletiva no estágio final de aquisição de L2: Dados sobre a construção com *there* em inglês

Joana Teixeira

CLUNL, Universidade Nova de Lisboa

A investigação desenvolvida na última década sobre o estágio final de aquisição de L2 tem sido muito influenciada pela Hipótese de Interface (HI), segundo a qual as propriedades que são estritamente sintáticas ou que envolvem apenas interfaces internas não são problemáticas para falantes quase nativos de L2, ao passo que as que envolvem a interface entre sintaxe e domínios externos à gramática, como discurso e pragmática, são um locus de opcionalidade permanente (Sorace & Filiaci, 2006; Sorace, 2011). Na sua forma atual, a HI propõe que esta opcionalidade é fruto de ineficiências na integração de informação sintática e contextual em tempo real, que, por sua vez, são um efeito secundário do bilinguismo (Sorace, 2011, 2016). Recentemente, tem vindo a ganhar terreno uma hipótese alternativa, que designamos por “Hipótese L1+input” (HLI). Esta tem origem no trabalho de Slabakova (2015) e Domínguez & Arche (2014) e propõe que as estruturas na interface sintaxe-discurso só geram problemas no estágio final de aquisição de L2 quando são diferentes na L1 e na L2 e raras no input, podendo esses problemas ser de natureza sintática, ao contrário do que a HI prediz.

Com o objetivo de testar a HI e a HLI, este trabalho investiga a aquisição da construção com *there* (e.g. “There appeared a large ship on the horizon”) em inglês L2 – francês L1 e inglês L2 – português europeu (PE) L1. Este é um terreno de teste apropriado para as hipóteses em estudo por três motivos. Primeiro, em inglês, a construção com *there* é uma estrutura na interface sintaxe-discurso: só é adequada quando recebe foco largo, tem uma interpretação tética (Sasse, 1987) e ocorre com verbos compatíveis com a sua função discursiva apresentacional, i.e. verbos que acrescentam pouca ou nenhuma informação para além da existência/aparecimento do sujeito (cf. Kuno & Takami, 2004), tais como inacusativos de existência e aparecimento ou inergativos que expressam uma atividade prototípica do sujeito (e.g. “there waved a tattered banner from the flagpole” vs. “??there waved a bearded student from the balcony”). Segundo, a construção com *there* é infrequente em inglês com verbos que não *be* (Haegeman & Guéron, 1999). Por último, esta estrutura está sujeita a condições muito semelhantes em inglês e francês, mas não existe em PE, onde a teticidade é tipicamente expressa através da ordem VS(XP) (cf. Martins, 2016), que pode ocorrer com verbos não admitidos na construção com *there* (e.g. “??there broke a glass in the kitchen” vs. “Partiu-se um copo na cozinha”). Dadas estas características, a HLI e a HI fazem predições diferentes sobre o desempenho dos falantes de PE e de francês em relação à construção com *there*. A primeira prediz que os falantes de francês terão um desempenho convergente e os de PE um desempenho divergente, incluindo a nível sintático. Já a última prediz que ambos exibirão opcionalidade em relação às propriedades da construção com *there* que envolvem a interface com o discurso (e.g. tipo de contexto discursivo e de verbos com que é admitida), mas não terão problemas em relação às suas propriedades léxico-sintáticas (e.g. tipo de expletivo) num nível quase nativo.

Participaram neste estudo falantes monolíngues de inglês ($n=26$), falantes avançados e quase nativos de inglês L2 – francês L1 ($n= 15$ AV, 11 QN) e falantes avançados e quase nativos de inglês L2 – PE L1 ($n= 17$ AV, 11 QN). O seu nível de proficiência foi avaliado através do mesmo tipo de procedimento usado por Sorace & Filiaci (2006). Através de 2 tarefas *drag & drop*, 3 tarefas de juízos de aceitabilidade rápidos e 1 tarefa de *priming* sintático, foram testadas as seguintes variáveis: (i) tipo de contexto discursivo em que a construção com *there* é admitida – foco largo vs. foco estreito no sujeito vs. foco no verbo e locativo –; (ii) tipo de verbo permitido – inacusativo de existência e aparecimento vs. inacusativo de mudança de estado vs. inergativo que expressa uma atividade prototípica do sujeito vs. inergativo que não satisfaz esta condição –; e (iii) tipo de expletivo permitido na posição de sujeito – *there* vs. *it*. Os resultados mostram que, enquanto os falantes monolíngues de inglês distinguem, em todas as tarefas, as condições em que a construção com *there* é possível daquelas em que não o é, os falantes de inglês L2 têm um comportamento diferente consoante o tipo de propriedade em teste e a tarefa usada. Como mostra a tabela 1, todos os grupos de L2 exibem opcionalidade ou indeterminação em relação ao tipo de verbo e de contexto discursivo compatível com a construção com *there* em, pelo menos, uma tarefa. Em contraste, a variável “tipo de expletivo” gera problemas apenas a falantes avançados, particularmente quando colocados sob pressão de tempo. Estes resultados indicam, assim, que, como predito pela HI, a divergência encontrada no estágio final de aquisição de L2 é seletiva: as propriedades que envolvem apenas a interface sintaxe-léxico, uma interface interna, não são problemáticas, enquanto que as que envolvem a interface com o discurso são. Os resultados sugerem ainda que o grau de divergência na interface sintaxe-discurso depende da interação dos seguintes fatores: (i) o peso colocado pela tarefa

sobre os recursos de processamento do participante (+ peso → + divergência); (ii) a quantidade de informação contextual que o falante tem de processar (+ informação num contexto interfrásico, como nas tarefas sobre a variável contexto discursivo → + divergência); (iii) o nível de proficiência do falante (nível de proficiência elevado → - divergência); e (iv) a L1 (L1≠L2 → + divergência).

(1) *Tarefa drag & drop: Item de exemplo*

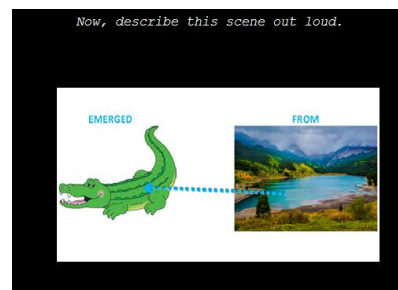
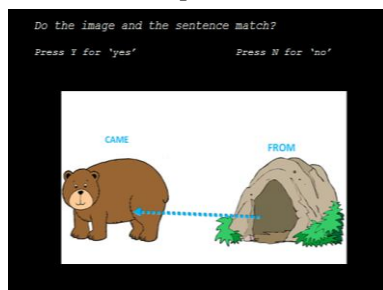
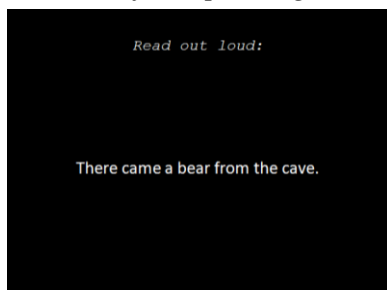
Tell me what happened afterwards in the story.

two large windows broke in a room

there it

[os participantes tinham de criar no mínimo 1 e no máximo 4 continuações para a frase apresentada, usando os blocos de palavras fornecidos. Vermelho= obrigatório; verde=opcional]

(3) *Tarefa de priming sintático: Item de exemplo*



[Na tarefa de priming sintático, todas as subtarefas tinham de ser realizadas em 4 s, exceto a descrição da imagem, que deveria ser realizada em 5 s.]

Tabela 1 – Resultados por grupo e tarefa

Variável	Tarefa	Falantes quase nativos		Falantes avançados	
		Fr L1	PE L1	Fr L1	PE L1
Tipo de verbo	Drag & Drop 1	✓	Indeterminação	Indeterminação	Opcionalidade
	Juízos de aceitabilidade 1	✓	✓	Indeterminação	Opcionalidade
	<i>Priming</i>	Indeterminação	Indeterminação	Indeterminação	Opcionalidade
Tipo de contexto discursivo	Drag & Drop 2	Opcionalidade	Opcionalidade	Opcionalidade	Opcionalidade
	Juízos de aceitabilidade 2	Indeterminação	Opcionalidade	Indeterminação	Opcionalidade
Tipo de expletivo	Drag & Drop 1	✓	✓	✓	*
	Juízos de aceitabilidade 3	✓	✓	*	*

Legenda: ✓ = desempenho convergente com o dos falantes nativos de inglês; * = aceita/produz inversão com o sujeito expletivo *it* significativamente mais do que o grupo de controlo, embora exiba uma preferência por ter *there* na posição canónica de sujeito; **opcionalidade** = não distingue entre as condições que são compatíveis com a construção com *there* daquelas que não o são e tem um nível de aceitação/produção desta construção superior ao do grupo de controlo em todas ou algumas condições em que esta é desadequada; **indeterminação** = não distingue entre as condições que são compatíveis com a construção com *there* daquelas que não o são e exibe um nível baixo de aceitação /produção desta estrutura em todas as condições experimentais, incluindo naquelas em que o grupo de controlo a permite.

Referências: Domínguez, L., & Arche, M. J. (2014). Subject inversion in non-native Spanish. *Lingua*, 145, 243-265. // Haegeman, L., & Guéron, J. (1999). *English grammar: A generative perspective*. Malden, MA: Blackwell. // Kuno, S., & Takami, K. (2004). *Functional constraints in grammar: On the unergative-unaccusative distinction*. Amsterdam: John Benjamins. // Martins, A. M. (2016). VSX in non-wh sentences (a view from European Portuguese). Trabalho apresentado em *Going Romance 30*, Goethe-Universität, Frankfurt, Alemanha. // Sasse, H. J. (1987). Thethetic-categorical distinction revisited. *Linguistics*, 25, 511-580. // Slabakova, R. (2015). The effect of construction frequency and native transfer on second language knowledge of the syntax–discourse interface. *Applied Psycholinguistics*, 36(03), 671-699. // Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of ‘interface’ in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1, 1-33. // Sorace, A. (2016). Referring expressions and executive functions in bilingualism.

Linguistic Approaches to Bilingualism, 6(5), 669-684. // Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339-368.